

O MOODLE E A PEDAGOGIA NO ENSINO SUPERIOR: UM CASAMENTO OU UM DIVÓRCIO TECNOLÓGICO?

Carla Patrão & Dina Soeiro
Escola Superior de Educação de Coimbra
cpatrao@esec.pt, dsoeiro@esec.pt

Resumo

O projecto e-aulas é um espaço que utiliza a plataforma Moodle para os estudantes da Escola Superior de Educação de Coimbra, como complemento à formação presencial, cujo objectivo é melhorar a qualidade da aprendizagem. A plataforma é usada em mais de 100 disciplinas, de 16 cursos, apoiando cerca de 2000 utilizadores.

A problemática central desta comunicação é a análise crítica do contributo da utilização do Moodle para a mudança nas percepções, metodologias e atitudes dos professores, estudantes regulares, estudantes trabalhadores e estudantes surdos sobre a aprendizagem e a pedagogia.

A metodologia deste estudo é essencialmente qualitativa, baseada na análise de conteúdo de entrevistas a professores e estudantes e de dados da plataforma, como fóruns e estatísticas.

Alguns professores aproveitaram o Moodle como uma boa oportunidade para mudar as metodologias pedagógicas, tornando as suas disciplinas mais abertas à participação dos estudantes. O uso pedagógico do e-aulas é especialmente eficaz para os estudantes trabalhadores, contrariamente aos estudantes surdos que não se queriam expor perante os colegas ouvintes.

O estudo indica algumas pistas para os professores, no sentido da inclusão dos estudantes não tradicionais no ensino superior.

1. Introdução

A plataforma Moodle é um sistema de gestão da aprendizagem livre que se baseia na concepção sócio-construtivista da aprendizagem. As potencialidades pedagógicas que oferece são exploradas e largamente reconhecidas por instituições de educação portuguesas e estrangeiras de prestígio, como, por exemplo, a Open University.

O projecto *e-aulas* é um espaço que utiliza a plataforma Moodle para os estudantes da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), como complemento à formação presencial, cujo objectivo é melhorar a qualidade da aprendizagem. A plataforma é usada em mais de 100 disciplinas, de 16 cursos, apoiando cerca de 2000 utilizadores, desde o ano lectivo 2007/2008.

A problemática central desta comunicação é a análise crítica do contributo da utilização do Moodle para a mudança nas percepções, metodologias e atitudes dos professores, estudantes regulares, estudantes trabalhadores e estudantes surdos sobre a aprendizagem e a pedagogia.

2. Objectivos

Com este trabalho propõe-se compreender o contributo da utilização do e-aulas para a qualidade da formação segundo a perspectiva dos utilizadores docentes e estudantes.

Importa conhecer a relação dos utilizadores com as tecnologias, assim como a sua experiência com ferramentas de e-learning. Pretende-se também descrever, compreender e avaliar o processo de adesão e adaptação dos utilizadores ao e-aulas, a sua utilização, as dificuldades que encontraram, as limitações e as suas vantagens. Recolher sugestões para melhorar o e-aulas também é nosso objectivo. Importa-nos ainda compreender a percepção que os professores e estudantes têm sobre o contributo da utilização do e-aulas para a qualidade da formação e a mudança pedagógica que a introdução desta plataforma facilitou.

3. Método

A metodologia deste estudo é essencialmente qualitativa, baseada na avaliação do processo de adesão e adaptação dos utilizadores ao e-aulas e na análise de conteúdo de entrevistas a professores e estudantes utilizadores, e de dados da plataforma, como fóruns e estatísticas. Foram 6 os professores inquiridos de vários cursos e áreas, como Comunicação, Informática, Ciências Sociais, Psicologia e Ciências da Educação e 11 estudantes de vários cursos, anos e especificidades, nomeadamente três de Comunicação e Design Multimédia (CDM), dois de Animação Socioeducativa (ASE), um de Comunicação Organizacional (CO), um de Arte e Design (AD), Língua Gestual Portuguesa (LGP), Turismo (T) e Música (M) ao nível da licenciatura, e uma estudante de Mestrado de Educação de Adultos e Desenvolvimento Local (MEADL).

4. Resultados

4.1- O início do processo

Já existia o espaço *e-Comunicar*, desde 2005, para apoiar os alunos das licenciaturas de Comunicação na ESEC. A partir desta experiência bem sucedida, surgiu a necessidade de possibilitar a utilização do sistema Moodle a toda a ESEC. Alguns docentes estavam curiosos, queriam saber o que era e como funcionava, solicitando, informalmente formação. Então organizaram-se dois workshops para conhecer a plataforma, discutir as suas potencialidades pedagógicas, analisar experiências da sua utilização na ESEC, criar as disciplinas no sistema e apoiar a sua utilização como meio complementar de gestão do processo de formação. Muitos solicitaram, mas apenas 30 docentes participaram quando a oportunidade foi dada. Nem todos os que fizeram formação estão a utilizar, e há professores que estão a utilizar e não tiveram formação. Há alguns docentes que tiveram outras formações anteriores fora da ESEC ou já dominavam por experiências anteriores ou foram descobrindo à medida que usavam ou foram aprendendo com os colegas que já utilizavam. Observámos que existiu entre-ajuda neste processo, que foi uma forma de também partilhar dificuldades e experiências pedagógicas,

independentemente das áreas e disciplinas. Foi uma oportunidade dos docentes *abrirem as portas* das suas metodologias aos colegas.

A dimensão da utilização do e-aulas, depende mais dos professores, do seu envolvimento e entusiasmo que transmitem aos colegas do que da natureza das próprias disciplinas e cursos, sendo exemplos disso, as licenciaturas de ASE e CO. Nestas há muita utilização porque quase todos os professores abrem lá as suas disciplinas. A utilização de um professor motivou os outros colegas do mesmo curso para o trabalho com a plataforma. No caso de CO, a docente que começou a utilizar era a própria responsável de curso, e o que é certo é que os colegas desse curso a seguiram.

Há cursos que estão a utilizar muito mais que outros. As licenciaturas em Animação Socioeducativa (ASE) e Comunicação Organizacional (CO) são os cursos que utilizam mais, sendo que, curiosamente, a licenciatura em Comunicação e Design Multimédia é dos cursos que utiliza menos. A plataforma também está a ser utilizada no Mestrado em Educação Musical do Ensino Básico e no Mestrado de Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, com disciplinas partilhadas por vários docentes, e neste caso, o e-aulas facilita o trabalho em equipa.

4.2- O e-aulas na perspectiva dos professores

A relação com as tecnologias, por parte dos professores é “boa”, embora uma das professoras afirme que “não é uma relação de entusiasmo ou de paixão”, mas necessária. Uma das docente justifica o início da sua actividade “com todas as cadeiras de todos os géneros, desde o início deste ano lectivo por achar que o Moodle é muito mais interessante, menos "depósito" de conteúdos, mais interactivo. Tem ainda a vantagem de guardar a memória de uma cadeira, quer os conteúdos que disponibilizei quer os trabalhos feitos pelos alunos”. Os que utilizaram num ano anterior, com uma ou duas disciplinas, depois generalizaram a todas. A maioria dos professores questionados iniciou com todas as disciplinas que leccionavam. Isto pode explicar-se não só, mas também porque a plataforma MyESECweb, de gestão de conteúdos, construída para utilização generalizada na Escola não estava operacional no início do ano lectivo e alguns professores, para disponibilizarem os materiais de apoio, recorreram ao e-aulas. Uma professora observa que “para os estudantes funciona apenas como local onde retiram materiais de apoio e onde colocam trabalhos de casa. Provavelmente será por coabitarem dois sistemas de disponibilização de informações e por ser o Moodle o menos escolhido, que a presença do Moodle ainda não impôs as suas vantagens”. Por isso, “há necessidade do docente desenvolver estratégias que permitam aos alunos perceber os benefícios do uso”.

Todavia, para a maioria dos docentes inquiridos, o e-aulas mudou a formação, porque possibilitou “um contacto mais assíduo e mais eficaz com os/as estudantes”, e mudou a criação de materiais de apoio, os trabalhos e a avaliação, sobretudo a contínua.

A utilização da plataforma, segundo os docentes, foi variável, dependendo das turmas e cursos.

“A experiência foi bastante positiva, a todos os níveis. Contudo, a turma do 3º ano do Curso de ASE, foi bastante mais participativa do que a turma do 2º ano da mesma disciplina, do mesmo curso. Terá a ver com uma maior maturidade académica e científica que mais um ano de trabalho confere?”, interroga-se um docente. Embora uma docente repare que “os alunos limitaram-se a fazer o download dos materiais de apoio e a entregar trabalhos”.

O e-aulas é usado maioritariamente para colocar materiais de apoio. Exemplo disso são os 1200 recursos lá disponíveis. Foram criadas 29 salas de conversação e 217 fóruns, sendo que alguns nunca estiveram activos, o que sugere que, apesar do Moodle ser, para os estudantes e professores, uma ferramenta interessante para a comunicação e interactividade, as suas potencialidades não são rentabilizadas, como reconhece uma professora: “tenho a noção de não usar todas as possibilidades do Moodle mas as que uso são acessíveis”.

Em relação às dificuldades, no início, diz um professor que teve “necessidade de algumas indicações básicas de funcionamento e da estrutura da plataforma, necessidade de usar para consolidar as aprendizagens”. Já uma docente chama a atenção para a dificuldade que encontrou porque os alunos são obrigados a produzir trabalho autónomo.

Apesar das dificuldades, o e-aulas facilitou as tarefas dos professores, sobretudo na distribuição de conteúdos, na organização dos materiais de apoio, quer elaborados pelos docentes, quer da autoria dos estudantes, no uso de incentivos aos alunos e feedback mais eficaz.

No que diz respeito ao contributo do e-aulas para melhorar a aprendizagem, a maioria dos docentes não consegue responder, embora afirme que melhora a comunicação.

Sublinham a vantagem de criar um espaço próprio e mais interactivo para cada disciplina, onde a relação estudante(s)-professor se fortalece.

Interessante foi verificar que, na opinião dos docentes, a utilização do e-aulas não apresentou desvantagens. Ninguém referiu, por exemplo, o tempo dispendido na gestão destes espaços e no trabalho acrescido.

Para melhorar o e-aulas, os docentes sugerem tornar a plataforma visualmente mais apelativa, tal como os estudantes.

Comparativamente à formação presencial, afirma uma docente: “penso que apoiou e muito. Se os resultados são melhores não sei avaliar. Penso que os estudantes efectuaram uma aprendizagem nova (aprenderam a gerir a sua aprendizagem pela plataforma)”. Outro professor reconhece: “É uma mais valia quando aliada à presencial – fundamental nalgumas etapas”, como os estágios e projectos de investigação. O e-aulas complementou a formação presencial, apoiou, não a complicou.

Em relação à generalização do e-aulas na ESEC, (com uma excepção, justificada pela falta de formação) os docentes consideram-na vantajosa. Adverte um professor, “os docentes têm de ter formação e condições para usarem este sistema que exigem grande disponibilidade física e mental”. Mas, afirma outro: “qualquer ferramenta que facilite a processo de ensino aprendizagem deve ser utilizada. No entanto, tem de haver vontade e tem de se adequar à natureza e aos objectivos da unidade curricular”.

Questionados sobre se há casamento ou divórcio tecnológico entre o Moodle e a pedagogia no Ensino Superior, as respostas são positivas. Uma professora fala de “para já, uma relação com futuro”, tal como outra docente, que diz que é um namoro. Os outros falam em casamento.

Vamos analisar de seguida a perspectiva dos estudantes, para perceber, se para eles, a pedagogia casou com o Moodle.

4.3- Na perspectiva dos estudantes

A relação dos estudantes com as tecnologias é de familiaridade, alguns deles tiveram até experiências prévias de utilização de plataformas de aprendizagem. Quanto à utilização do e-aulas, uma estudante de CDM explica: “comecei a utilizar o e-aulas assim que os professores nos indicaram... A utilização apenas é feita para ver que trabalhos temos que fazer, as datas de entrega e material de apoio. Não utilizamos muito mais, pode-se dizer que mal usufruímos do fórum...é mais utilizado como apenas uma espécie de e-mail”, corroborando o que alguns professores afirmaram.

Quando questionados sobre se o e-aulas contribuiu para mudar a formação, os estudantes dividem-se. Um trabalhador-estudante de ASE afirma: “sem dúvida, a mudança deve-se ao facto de poder dar continuidade à minha formação em casa, e de ter sempre acessível a documentação facultada pelos docentes.” Outro estudante de ASE confirma: “de certa forma mudou um pouco. No aspecto de se poder aceder a informações em tempo rápido e quando o aluno pode ... novas formas de aprender que têm as suas vantagens”. Opinião contrária tem um estudante de CDM, também trabalhador-estudante: “se mudou a formação, acho que não, pois a formação será sempre a mesma, mas tenho a certeza que facilitou o contacto entre aluno e professor, pois construiu uma ponte para a entrega de trabalhos e a consulta de diverso tipo de material”, tal como outra colega de Turismo, que responde: “não muito, os professores não utilizam muito essa plataforma”. Já a estudante do mestrado tem outra perspectiva: “permitiu um acesso mais rápido à informação e, por sua vez, a troca de experiências. Para além disto, é uma ferramenta, que, actualmente, utilizo no emprego, e foi uma mais-valia para a minha contratação.” Que vem dar razão a uma sua afirmação feita no ano anterior, enquanto finalista de licenciatura: “A utilização da plataforma e-aulas foi uma experiência de bastante importância. Por um lado, o e-aulas permitiu-me iniciar e desenvolver os meus conhecimentos e competências no domínio de

plataformas e-learning, até agora quase nulo. Se tivermos em conta que para a nova etapa que se aproxima, no meu caso o mercado de trabalho, a utilização desta ferramenta é uma mais-valia, então, cada vez mais é de aproveitar a possibilidade de utilização que nos deram. Aliás, uma vez que estamos a pagar propinas é de valor aproveitar tudo o que a escola nos pode oferecer.”

Em relação à utilização da plataforma, diz uma estudante “De um modo geral correu muito bem, apesar de inicialmente haver algumas dificuldades. Importa salientar o apoio constante da professora.” Todavia um estudante de CDM adverte: Existem professores que organizam os conteúdos melhor que outros, facilitando bastante ou não a tarefa por parte do aluno. Também uma estudante de AD explica: “Na primeira (disciplina) foi muito mais fácil porque era utilizado somente para colocar os trabalhos. Agora nesta, são nos dadas informações e perguntas que muitas vezes não estamos a par e que era melhor ser discutido na aula”. Para os alunos o mais fácil é ir lá buscar ou deixar documentos, utilizar a plataforma apenas como um repositório de conteúdos. Em relação às dificuldades, afirma uma estudante de CDM, depois de ir explorando (às vezes mal) é que nos fomos habituando as ferramentas.” Outro colega de CDM refere que “o layout por vezes é confuso e a informação não está instantaneamente acessível”, isto pode dever-se à estratégia de alguns professores que por entre mensagens de fóruns vão anexando materiais de apoio, para assim “obrigar” os estudantes a irem aos fóruns e participarem nas discussões. E, para os estudantes, dá menos trabalho a encontrar se os materiais estiverem dispostos todos numa secção, sobretudo se o professor deixa os materiais todos logo nos primeiros dias. Assim não motivam os estudantes a irem ver se há novidades, como se queixa esta aluna de AD: “não há dificuldade em utilizar, a dificuldade é mais ter de ir propositadamente ver todos os dias o e-aulas para saber se precisamos responder a questões e saber informações sobre a disciplina, onde poderia ser posto logo no apoio curricular em materiais de apoio, acho que era muito mais fácil para todos, principalmente para que tem mais dificuldade.”

Em relação à participação, um estudante de ASE conta que “foi pouca devido ao pouco tempo disponível, e na dificuldade de acesso à Internet”. Diz também uma estudante de CDM “se não fosse obrigatório entregar trabalhos através da plataforma posso dizer que nem a utilizava”. O que confirma a nossa experiência de resistência geral das turmas de CDM à utilização da plataforma, o que não seria esperado porque as tecnologias são uma ferramenta base de trabalho neste curso e a familiaridade com elas é grande. Esta aluna explica: “E é uma ótima ferramenta para estudantes-trabalhadores ou alunos que residam longe da faculdade. Mas também não vi mais nenhum lado bom da sua utilização. O professor continuava a ser o professor (a receber trabalhos e avaliá-los) e o aluno continuava a ser aluno (a entregar trabalhos) e através do e-

aulas era como se tivéssemos um professor virtual, aquele que nem fala! Em vez de nos fazer comunicar mais até parece que cortou as relações, porque nem comentários "ouvíamos"

É, de facto, importante que o professor dinamize o espaço formativo. Um trabalhador-estudante finalista de ASE refere a necessidade de um “compromisso de ambas as partes de consultar e de acompanhar o que se vai sucedendo no e-aulas”. O professor é sobretudo um facilitador, animador, moderador. Exige que ele dê feedback rápido. Importa, pois, definir com os estudantes um prazo realista e razoável para esse feedback (normalmente entre 24 a 48 horas), para que eles não estejam à espera de feedback imediato, mas também não desesperem ou desanimem. Uma trabalhadora-estudante de ASE afirma: “Temos a oportunidade de ter o nosso Professor ou Professora do outro lado, a tirar as nossas dúvidas, a dar-nos alento (que é tão importante!!!), a dar-nos sugestões,...enfim uma série de coisas que só quem trabalha, estuda e quer ser alguém na vida é que dá valor e importância a esta Plataforma.”

Para motivar os estudantes e para dar valor à sua participação no e-aulas, é também necessário avaliá-la. Contar para nota, não garante a participação, mas ajuda.

No que diz respeito ao contributo da utilização do e-aulas para a melhoria da aprendizagem, os estudantes apontam a partilha de informações e conhecimentos, a comunicação e a organização dos materiais. Um estudante de CDM aponta como vantagens a “facilidade de acesso a vários conteúdos, e fácil de aprender”. Embora repare: “ Um pouco confuso ao início. Mais uma plataforma, que vem confundir ainda mais os estudantes que não sabem onde ir buscar os documentos necessários.” Outro estudante corrobora: “penso que a plataforma myESEC e a E-Aulas "atropelam-se" uma à outra, pois ambas podem ter a informação referente à disciplina, ambas podem disponibilizar material de apoio, etc. Considero a plataforma myESEC com maior usabilidade do que o e-aulas, apenas com um inconveniente que é o de não se poder submeter tópicos”. De facto existem três plataformas na ESEC: para além do Moodle no E-aulas, temos o MyESECweb para materiais de apoio e a Secretaria Virtual para sumários e notas, todavia só no e-aulas os estudantes podem ser produtores de conteúdos e interagir. Nas outras duas, são apenas consumidores, numa lógica de “concepção bancária de educação” que Freire (2006) critica, pois esta limita a educação a um acto de depósito, na qual o aprendente, passivamente, recebe esse depósito.

Como sugestões, uma estudante de CDM propõe: “deveriam deixar textos de apoio ou de acordo com os temas abordados na aula, (deixar resumos já é pedir demais mas também ajudava), podiam deixar links para sites de interesse, realizações de workshops que tenham conhecimento, nomes de livros interessantes.... Quanto ao e-aulas em si, penso que o layout deveria melhorar um pouco, pois ao fim de uns minutos já temos vontade de abandonar o sitio.” Todos os estudantes de CDM referem que era necessário

melhorar o layout, o que nos indica mais um factor que possa justificar a resistência dos estudantes de CDM na utilização da plataforma.

A grande sugestão que poderemos retirar é que os professores devem rentabilizar para a aprendizagem as potencialidades da plataforma, como confirma esta estudante de mestrado que sugere a “consciencialização dos docentes para a utilização desta ferramenta e a possibilidade dos alunos trocarem apontamentos e ideias, discutindo temas leccionados. Um Workshop onde pudessemos aprender a utilizar todas as ferramentas do e-aulas.”; e um estudante de CDM: “considero bastante urgente a sensibilização por parte de todos os professores em utilizar este tipo de plataforma e ao mesmo tempo dar formação para que possam manter tudo organizado”.

Os estudantes questionados, em geral, consideram que o e-aulas apoiou e complementou a formação presencial e consideram vantajosa a generalização do e-aulas a outras disciplinas.

Na perspectiva dos estudantes o e-aulas não contribuiu para facilitar/melhorar a relação entre estudantes, justifica uma estudante de CDM: “Expondo certos trabalhos e trocando comentários com o professor à vista de todos faz, muitas vezes, com que essa pessoas seja deixada de parte ou ela pode ouvir comentários como “tás a engraxar?”. Num mundo adulto ainda se pode ver muita críancice. O e-aulas pode ser uma boa ferramenta mas há maus utilizadores.”

Apesar da opinião dos estudantes, na nossa experiência observamos que o e-aulas facilita a integração dos trabalhadores-estudantes nas turmas, uma vez que a sua frequência às aulas é muitas vezes comprometida por causa da sua situação. Eles não encontram os colegas nas aulas, mas no e-aulas, e aí, até podem trabalhar em conjunto, apesar das limitações da disponibilidade. Uma estratégia interessante são os fóruns criados por um professor em cada uma das suas disciplinas, aos quais chamou “café”, e que convidam à conversa livre, ao encontro, que pode não ter a ver com a disciplina, mas que lhes permite interagirem, conhecerem-se.

No caso dos estudantes surdos, a maioria não se sente confortável para participar, uma vez que apresentam dificuldades na escrita e não as querem expor aos colegas (sejam eles surdos ou ouvintes) e até aos professores, afirmando que preferiam comunicar gestualizando apenas. Para responder a este desejo, no e-aulas, os professores deveriam promover a utilização de vídeo. Todavia, não deixando de exigir o exercício da escrita que é essencial, ainda mais porque têm dificuldades.

Já na relação dos estudantes com os professores, o contributo do e-aulas foi positivo, como justifica uma estudante de CDM: “a minha relação antes do e-aulas e depois dele é a mesma, mas conheço casos em que melhorou a relação aluno-professor na medida em que o aluno era tímido e prefere comentar através da Net em vez de expor as dúvidas na aula.” Todavia os estudantes referem a importância da relação presencial, da qual não abdicam. Apesar de Joyes

(2000), nas suas investigações, concluir que os estudantes consideraram que o *feedback* face-a-face não trouxe vantagens significativas para a sua aprendizagem, a falta de contacto presencial é naturalmente uma limitação dos sistemas de educação a distância.

Porque o *b-learning* permite a flexibilidade e autonomia, o uso pedagógico do e-aulas é especialmente eficaz para os estudantes trabalhadores, contrariamente aos estudantes surdos que não se queriam expor perante os colegas ouvintes, embora lhes pudesse ser útil se fosse bem explorado pedagogicamente.

6. Conclusões

Alguns professores aproveitaram o Moodle como uma boa oportunidade para mudar as metodologias pedagógicas, tornando as suas disciplinas mais abertas à participação dos estudantes, outros utilizaram a plataforma apenas como uma ferramenta de distribuição de conteúdos e de recolha de trabalhos. Todavia, para os professores a relação entre a pedagogia e o Moodle é mais positiva, chegando, para alguns a ser um casamento, enquanto que para os estudantes não há sequer relação consolidada, embora indo ao encontro das conclusões de uma análise de estudos portugueses sobre o ensino superior, onde Alarcão e Gil (2004) se referem a investigações sobre as iniciativas de e-learning, e afirmam que, em geral, os estudantes avaliam positivamente esta modalidade, sobretudo os trabalhadores-estudantes.

O contexto virtual deve apoiar, não complicar a aprendizagem. Em *b-learning*, assim como em *e-learning*, uma boa gestão do tempo e das actividades formativas é essencial. Em *b-learning*, como a formação presencial é complementada com o contexto virtual de aprendizagem, a carga de trabalho dos estudantes e do professor deve ser distribuída de forma equilibrada, não deve significar uma adição, mas uma complementaridade.

“A tecnologia é uma ferramenta, a ferramenta só por si não faz nada” (Silva, 1998, p. 134). Por isso, não adianta ter uma plataforma excelente se não for bem utilizada. Uma tecnologia adequada não garante, por si só, o êxito da formação. Deve subordinar-se a tecnologia aos objectivos educativos, ou seja, escolher a tecnologia que seja necessária, fiável, segura e acessível aos aprendentes (Mehrotra, Hollister e McGahey, 2001). A tecnologia deve estar ao serviço da aprendizagem.

Trabalhar para a qualidade implica preparar os docentes para trabalhar em *b-learning*, com formação pedagógica sistemática, contínua. Urge também criar condições, em termos de organização, meios e recursos, para que essa aposta seja responsabilizadora e partilhada. Neste sentido, Ramos (2004) chama a atenção para a necessidade de encontrar formas dignas de contabilização deste trabalho dos docentes como forma de reconhecimento adequado do esforço dos professores que se empenham na inovação e de encorajamento da adesão de novos

docentes. A qualidade e a procura deste tipo de formação dependem do investimento das instituições. O entusiasmo de alguns é importante, mas não chega.

Concluimos que se deve consumir um casamento entre a pedagogia e o Moodle. Propõe-se uma relação íntima entre as metodologias e as tecnologias, coerente com as necessidades e potencialidades dos contextos de formação.

Como diz um professor: “deve haver uma união, de facto, tendo como padrinho o Processo de Bolonha... mas para ser minimamente eficaz, exige um divórcio com a visão do passado, (professores com muitas turmas, muitas unidades curriculares, com trabalhos académicos em mãos, sem tempo para pensar com os alunos) corre-se o risco de baixar a qualidade das aprendizagens, se se ficar apenas pelo folclore e não houver mais condições para se trabalhar no novo paradigma...”.

Referências

Alarcão, I., & Gil, V. (2004). Teaching and learning in higher education in Portugal: an overview of studies in ICHED. In V. Gil, I. Alarcão & H. Hooghoff, (Eds.), *Challenges in Teaching & Learning in Higher Education* (pp. 195-214). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Freire, P. (2006). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

Joyes, G. (2000). An evaluation model for supporting higher education lecturers in the integration on new learning technologies. *Educational Technology & Society*, 3 (4) Retirado a 30-09-2001 de http://ifets.ieee.org/periodical/vol_4_2000/joyes.html.

Mehrotra, C.; Hollister, C. D.; McGahey, L. (2001). *Distance learning: Principles for Effective Design, Delivery, and Evaluation*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Ramos, F. (2004). O eLearning na Universidade de Aveiro. In T. Burnham & M. Mattos, (Orgs.), *Tecnologias da Informação e Educação à Distância* (pp. 155-170). Salvador – Bahia: EDUFBA.

Silva, J. C. (1998) A Tecnologia, as Imagens e o Currículo. In Conselho Nacional de Educação. *A Sociedade da Informação na Escola* (pp. 133-139). Lisboa: Ministério da Educação.